

O Egito Antigo nas coleções da Viscondessa de Cavalcanti e de Eva Klabin Rapaport

Ancient Egypt in the Collections of Viscountess de Cavalcanti and Eva Klabin Rapaport

DOI: 10.20396/rhac.v5i2.20056

DOUGLAS FASOLATO

Mestre em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa

 0009-0008-3798-3713

HELENA SEVERO

Mestre em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ)

 0009-0007-5362-6102

Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida para a exposição que reuniu coleções de arte egípcia formada por duas mulheres colecionadoras, a Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin Rapaport, no Rio de Janeiro. Tal pesquisa referendou os pressupostos da proposta e embasou o partido curatorial. Além disso, apontou pluralidade de convergências, articulou a conexão com as obras de artistas contemporâneos e inspirou as atividades desenvolvidas durante o período da exibição. Mostrou, sobretudo, as práticas colecionistas, o perfil das colecionadoras, a formação das coleções, a sociabilidades entre gerações e as diferentes estratégias adotadas para a preservação dos artefatos em museus brasileiros.

Palavras-chave: Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque (viscondessa de Cavalcanti). Arte egípcia. Coleções de arte. Eva Klabin Rapaport. Exposições.

Abstract

This article is the result of research conducted for the exhibition that brought together the collections of Egyptian art formed by two female collectors, Viscountess de Cavalcanti and Eva Klabin Rapaport, in Rio de Janeiro. This research endorsed the premises of the proposal and supported the curatorial approach. In addition, it pointed out a plurality of convergences, articulated the connection with the works of contemporary artists and inspired the activities developed during the exhibition period. Above all, it showed the collecting practices, the collector's profile, the formation of collections, the sociability between generations and the different preservation strategies adopted for the artifacts in Brazilian museums.

Keywords: Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque (Viscountess de Cavalcanti). Egyptian art. Art collections. Eva Klabin Rapaport. Expositions.

Cinquenta anos separam o nascimento de Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque (1853–1946), a Viscondessa de Cavalcanti, e Eva Klabin Rapaport (1903–1991), cujas trajetórias se aproximam pelo colecionismo. Elas formaram coleções que se tornaram uma referência na área, haja vista as obras possibilitarem contemplar diversas temporalidades e procedências, incluindo aquelas cuja origem se situa nos mais remotos períodos da humanidade. Entre essas coleções, está a que dedicaram aos artefatos do Egito Antigo, pela primeira vez reunidos na exposição “Eterno Egito: a imortalidade nas coleções Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin”, sob curadoria dos autores, exibida no período de 6 de julho a 15 de setembro de 2024, na Casa Museu Eva Klabin, no Rio de Janeiro.

Esse diálogo se orientou tanto pela singularidade dos artefatos como pelas trajetórias das colecionadoras, desde as aproximações de gostos e hábitos até as práticas colecionistas em convergência, apesar de ambas terem vivido em tempos tão distintos. As duas fizeram aquisições em viagens ou durante os períodos em que residiram em outros países, quando alargaram suas redes de sociabilidades, incluindo visitas aos ateliês dos artistas e a renomados antiquários, marchands e casas de leilões.

Reunir essas duas coleções de artefatos egípcios se mostrou uma oportunidade de refletir sobre o colecionismo, das motivações e intencionalidades às práticas, desde o processo de coleta até o de classificação. Ademais, possibilita, sobretudo, compreender o papel das mulheres no colecionismo brasileiro, com protagonismo e atuando de forma sistemática, em contraposição à tradição masculina e ao discurso de caráter doméstico. Abre-se, assim, a perspectiva de ampliar estudos abordando um tema até aqui pouco explorado, que envolve questões de tempo e de memória.

A mostra “Eterno Egito: a imortalidade nas coleções Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin” permitiu, também, observar e comparar artefatos, uma vez que eles se aferem e se complementam. Na coleção da Viscondessa, destacam-se: uma estela policromada, pertencente a Per-a-Iset [Figura 1], em que ele faz oferendas diante do deus Ra-Osiris, e um fragmento de um rosto de um ataúde masculino [Figura 2], bem como figuras *ushabtis* (servidores funerários) e um significativo conjunto de amuletos funerários de excelente qualidade.

Na coleção de Eva, destaca-se a cabeça de um faraó [Figura 3] usando o toucado-*nemes*. E, entre os objetos funerários, têm destaque uma parte da tampa de um ataúde com olhos incrustados na face [Figura 4], da XVIII Dinastia, e objetos votivos que exprimem o relevante papel desempenhado pelos animais na religião egípcia, como o ataúde para uma múmia de gato.



Figura 1:
Estela de Per-a-Iset, Terceiro Período Intermediário — XXII Dinastia (c. 945-712 a.C.). [Argila sobre madeira], policromada. Coleção Viscondessa de Cavalcanti. Foto: Marcio Brigatto.



Figura 2:
 Face de ataúde de um homem, Terceiro Período Intermediário — XXI Dinastia (c. 1070-945 a.C.). Madeira estucada e policromada. Coleção Viscondessa de Cavalcanti. Foto: Marcio Brigatto.



Figura 3:
 Cabeça de um faraó, Reino Novo — XVIII Dinastia (?) (c. 1550-1307 a.C.). Coleção Eva Klabin. Foto: Mario Grisolli.

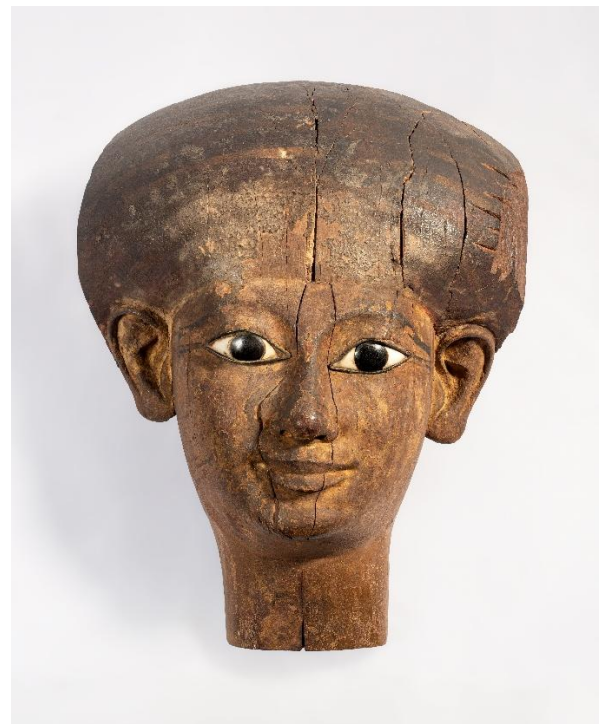


Figura 4:
 Face de um ataúde, Reino Novo — XVIII Dinastia (c. 1550-1307 a.C.). Madeira de cedro, douração, incrustações em bronze, marfim, ébano e policromia, gabro. Coleção Eva Klabin. Foto: Mario Grisolli.

Interessante observar que os artefatos das duas coleções estão, em sua maioria, atrelados às ideias sobre a vida *post mortem*, recorrentes no Egito Antigo, crenças que se contrapõem à cultura ocidental, com seus esforços para ocultar a morte. Segundo Antônio Brancaglioni:

A morte não era um inimigo ou um obstáculo, mas uma porta a outra existência. O objetivo dos egípcios não era como o nosso néscio objetivo de não morrer, mas o mais pungente desejo de não repetir a morte, de encontrar além da morte a vida que pudessem gozar tão completamente deste lado.¹

Há também, entre os artefatos, aqueles que são dádivas e os que possuem função apotropaica. A proposição de reuni-los em uma exposição é justificada pela complementaridade e pela necessidade de diálogo para ampliar as possibilidades de interesse e compreensão dos visitantes. Por esta razão, foram agrupados em categorias², mesmo datando de períodos diferentes e mesmo tendo funções distintas. Enquanto a estela da Viscondessa é uma peça votiva, a de Eva Klabin é funerária. Os *ushabtis*, outro exemplo, são de tempos distintos, tendo pertencido a proprietários diferentes — alguns destes foram já identificados, bem como a hierarquia social de que faziam parte. A diferenciação também se dá em relação a quantitativos, a exemplo dos amuletos, uma vez que a série da Viscondessa é uma das mais expressivas no Brasil.

Ambas as coleções são reflexo da fase antiquarista da arqueologia do século XIX, quando os sítios arqueológicos estavam sendo explorados sem método científico. Sobre essa fase, Moacir Elias dos Santos esclarece que a arqueologia ainda estava por se consolidar como disciplina. E relata que:

Era um tempo em que famosos exploradores e viajantes europeus adquiriam itens considerados belos, exóticos e admiráveis com o objetivo de constituir coleções nacionais, notadamente em museus europeus, bem como particulares, para o deleite de seus proprietários.³

No que se refere à Viscondessa de Cavalcanti, sua admiração pelo Egito Antigo certamente foi influenciada pelas viagens internacionais que fez, ainda na adolescência — dentre elas, para a exposição Universal de Paris, em 1867 —, e pelo convívio com importantes nomes do mundo científico, bem como

¹ BRANCAGLIONI Júnior, Antonio. O eufemismo da morte no Antigo Egito. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 7, p. 25-32, 1995. DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v7i0.657>. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/657>. Acesso em: 31 maio 2024.

² Os artefatos foram agrupados nos núcleos pelas seguintes categorias: divindades da imortalidade, estátuas, estelas, ataúdes, vasos canópicos, amuletos, *ushabti*s, imagens de divindades e animais sagrados.

³ SANTOS, Moacir Elias. O estudo das duas coleções egípcias e a imortalidade. In: SEVERO, Helena, FASOLATO, Douglas (org.). *Eterno Egito: a imortalidade nas coleções Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin*. Catálogo de exposição [Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, 6 jul. – 15 set. 2024]. Rio de Janeiro: Area27, 2024. 176 p.

com viajantes e escritores, mas, sobretudo, por sua relação com o Museu Nacional, que formou a mais importante coleção sobre o Egito da América Latina. Ela não apenas participou destacadamente da Exposição Antropológica de 1882, já com experiência de empréstimos para outras mostras, dentre elas de fotografias, mas também ampliou seu interesse pelas pesquisas. Sobre essa exposição é interessante a marginalia com correções de sua autoria no "Guia da Exposição Antropológica de 1882", doado por ela ao Museu Mariano Procópio. Nessa exposição,

Amélia foi a única mulher mencionada entre os 20 colecionadores particulares associados à exposição. Curiosamente, embora a maioria dos outros colecionadores tenha sido mencionada menos de cinco vezes ao longo do 'Guia da Exposição Antropológica', as coleções conectadas diretamente a Amélia são mencionadas cerca de 18 vezes. A mesma entrada no catálogo poderia incluir um pequeno número de objetos ou até uma pequena coleção, como é o caso do item 142 da Sala Gabriel Soares de Etnografia e Arqueologia, para o qual Amélia contribuiu com um arranjo de diferentes objetos arqueológicos – arcos, pontas de flechas, eixos, entre outros itens.⁴

Este artigo não pretende tratar de todas as coleções de Amélia, mas destacamos, no caso, seu interesse pela fotografia, que foi motivada pela convivência com seu tio paterno (e também padrasto), o empresário e fotógrafo carioca Manoel Machado Coelho Júnior (1834-1876), e não por seu pai, o comendador Constantino Machado Coelho (1821-1855).

Quanto à Eva Klabin, sua formação na Europa moldou-lhe o interesse, e ela sofreu diferentes influências ao longo da vida, que começaram no próprio ambiente familiar, como a do pai e a da irmã, e que se estenderam durante a retomada de aquisições iniciais após o casamento com o advogado Paulo Rapaport, além de ter sido influenciada também, por exemplo, pelas relações com Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi. Após a viuvez, ampliou as viagens pelo mundo e o interesse expressivo pelo colecionismo.

A formação cultural de ambas, frisa-se, foi superior à de mulheres de seus respectivos tempos, e a privilegiada situação social e financeira contribuiu decisivamente para o processo colecionista em um campo dominante de homens. Elas se impuseram e conquistaram seus espaços, embora haja autores contemporâneos que atrelem suas práticas a terceiros. Elas se enquadram entre as mulheres que conquistaram papéis de protagonistas de suas próprias trajetórias.

Por suas coleções legadas à fruição pública, destacando esses artefatos de arte egípcia reunidos e que representam a garantia da existência do nome e a continuidade de uma vida após a morte, a

⁴ SANTOS, Rita de Cássia Melo. Objetos em trânsito - Amélia Cavalcanti e o colecionismo do século XIX. *História Unisinos*, v. 24, n. 3, p. 351–364, 28 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/hist.2020.243.02>. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5798/579865460003/html/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin alcançaram as suas respectivas permanências. Ou seja, atingiram uma das formas de imortalidade a que os antigos egípcios aspiravam.

Dessa forma, diríamos que esse fascínio que elas tinham pelo Egito permitiria, tal qual a lápide tumular do egiptólogo Howard Carter, o descobridor da tumba de Tutankhamon, inscrever nas suas próprias lápides a mesma citação tirada do *Cálice de alabastro*, do jovem e emblemático faraó, que diz: "Que o teu *ka* [energia vital] possa viver, que tu passes milhões de anos, oh, tu que amas Tebas, sente com tua face voltada para o vento do norte, com teus olhos contemplando a felicidade".⁵

As colecionadoras

O colecionismo é o ponto de convergência entre a Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin Rapaport. Se a diferença de idade e de tempo em que viveram as distancia, encontramos muitas singularidades e hábitos em comum, como o gosto pela leitura, pela música e pelo conhecimento, assim como por ser anfitriã e pelas viagens. Elas deixaram um legado de muitas contribuições, cada qual no seu campo de atuação.

Os interesses de ambas eram ecléticos e, de uma forma ou outra, comparáveis. Um exemplo é o entusiasmo que ambas nutriam pelo paisagismo. A Viscondessa manteve boas relações com o francês Auguste François Marie Glaziou (1828-1906), que participou da comissão de exploração arqueológica da necrópole indígena na Caverna da Babilônia,⁶ localizada na fazenda da Fortaleza de Santana, em Goianá, MG, da qual ela e o marido eram herdeiros e administradores.⁷ Eva era amiga de Roberto Burle Marx (1909-1994), presença nos seus eventos, e consta que ele opinou em intervenções no jardim de sua residência. E este é só um dos temas em comum de uma lista que se expande referente a essas duas mulheres, que conquistaram seus espaços nos cenários social e cultural.

Não se sabe se em algum momento elas se encontraram, mas não descartamos que, de alguma forma, uma teve notícias da outra. Em 1935, por ocasião dos preparativos para o I Congresso de Numismática Brasileira, a Viscondessa de Cavalcanti foi eleita entre os destacados membros honorários, assim como seu primo Alfredo Ferreira Lage⁸ (1865-1944), fundador do Museu Mariano Procópio. Nesse

⁵ HOWARD CARTER. Verbete. **Wikipédia**. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2024]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Howard_Carter. Acesso em: 9 out. 2024.

⁶ O diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, e Charles Frederik Hartt integraram a comissão.

⁷ No local, foram encontradas as múmias indígenas que o casal doou ao Museu Nacional em memória da avó dela, a Baronesa de Santana. Essas múmias foram perdidas no incêndio de 2018.

⁸ Alfredo Ferreira Lage foi aluno do Colégio Pedro II e, após a mudança para a Europa, em 1874, estudou no Institute Rachez e no Liceu Fontaine, além de ter recebido aulas particulares com especialistas, como o egiptólogo Charles Raymond.

evento, um primo de Eva Klabin, Benjamin Klabin⁹ (1895-1965), integrou a comissão organizadora da Exposição e de Controle.¹⁰

Amélia Machado Coelho (1853–1946) (Figura 5) nasceu e morreu no Rio de Janeiro, mas residiu durante décadas em Paris, além de ter também morado alguns períodos em Lausanne, na Suíça. Era neta do comendador Manoel Machado Coelho (1787–1862), industrial e comerciante de grande fortuna, e de Luiza Maria da Conceição Machado, descendente de antigas famílias brasileiras, dentre elas os Proença.¹¹ Em 1871, casou-se com o advogado e político Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829–1899),¹² que recebeu o título de Visconde de Cavalcanti, e com ele teve dois filhos: Stella Cavalcanti de Albuquerque (1872–1916) e o engenheiro Fernando Velho Cavalcanti de Albuquerque (1873–1914), falecidos sem descendentes.

A paixão de Amélia pelo colecionismo manifestou-se desde muito cedo. Em entrevista em 1932, disse que “começou a colecionar aos quatro anos, fazendo uma coleção de carretéis. Depois colecionou insetos e depois medalhas”.¹³ Em seguida, ampliou seus interesses, iniciando estudos e coleções no campo da etnografia, da arqueologia, da numismática e das belas-artes. Ela é autora de obras sobre numismática, publicadas em 1889 e em versão revista e ampliada em 1910, além de outras inéditas em demais áreas, como *A escravidão no Brasil*¹⁴ e o *Dicionário Biográfico Brasileiro*.¹⁵ Na década de 1880, suas coleções foram visitadas e destacadas na Exposição Antropológica de 1882, no Rio de Janeiro, e na Exposição Universal de 1889, em Paris. Ela também se destacou como ativista social liderando projetos de educação infantil, de libertação de presos de guerra e para deficientes visuais, tendo atuado como mecenas e produzindo livros em braile, bem como criando um setor dessas edições e dos seus respectivos equipamentos na Biblioteca Nacional.¹⁶

O casamento de Amélia Machado Coelho com Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque não foi por sua escolha, mas sim orquestrado por sua família. Ele era advogado e influente político do Império; ao longo do tempo, fez uso de sua sensibilidade para unir os gostos em comum do casal, apoiando a

⁹ Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Numismática, criada em 19 de janeiro de 1924, em São Paulo, SP.

¹⁰ I Congresso de Numismática Brasileira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 108, n. 275, 21 ago. 1935, p. 4.

¹¹ FASOLATO, Douglas. Machado Coelho: memória e representação. Palestra apresentada em sessão do Colégio Brasileiro de Genealogia, 29 out. 2017. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/cartamensal/138/cm138.pdf>. Acesso em: 31 maio 2024.

¹² Advogado de formação e promotor de Justiça que exerceu importantes cargos políticos no Império. Foi presidente das províncias do Ceará, Pernambuco e Piauí, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, dos Negócios Estrangeiros e da Justiça, além de ter sido também senador e conselheiro do Império.

¹³ UMA HORA de palestra com uma ilustre dama do II Império. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 4.181, 21 jun. 1932, p. 3.

¹⁴ Manuscrito obtido a partir do Institut de France, Paris, França, MS2092/26.

¹⁵ Doador ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

¹⁶ O SETOR em braile da Biblioteca Nacional, com o nome da Viscondessa de Cavalcanti, foi inaugurado em 16 de maio de 1930. Inaugura-se amanhã na Biblioteca Nacional a seção destinada aos cegos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 13, 15 maio 1930, p. 9.

Viscondessa em suas ações e em seu protagonismo tanto social quanto cultural, algo que contribuía para a própria imagem dele. Ele mesmo era um homem interessado pela Cultura, propondo projetos de discussão sobre direito autoral, e que mantinha relações com intelectuais e artistas. E, o mais interessante, ele pintava às escondidas, como revelou França Junior: “Conheço um ex-ministro que nas horas vagas entrega-se as inefáveis delícias da pintura”.¹⁷ E emendou: “Além disso quando ele mostra-me suas belas paisagens, tocadas com sentimento, nas quais se revelam a compreensão fácil da nossa natureza e os esplendores de uma palheta brilhante, costuma dizer-me sempre: Olhe que ninguém por ai sabe que eu pinto. Veja lá se me compromete”.¹⁸ Ele encerrou a carreira política nomeado como comissário-geral do Brasil na Exposição Universal de 1889, em Paris, na qual sua mulher se destacou e foi premiada por algumas de suas coleções.



Figura 5:
Viscondessa de Cavalcanti, [s. d.], fotógrafo não identificado. Museu Mariano Procópio.



Figura 6:
Eva Klabin, 1922, São Paulo, fotógrafo não identificado. Casa Museu Eva Klabin.

¹⁷ ECOS fluminenses — a política maldita. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 55, 24 nov. 1884, p. 2.

¹⁸ *Ibid.*

Eva Cecília Klabin (1903-1991),¹⁹ (Figura 6) filha de Fanny e do industrial Hessel Klabin, naturais de Vilna, na Lituânia, nasceu em São Paulo, mas residiu na Europa e nos Estados Unidos durante sua formação. Ela herdou do pai, apreciador de objetos de prata, o hábito de colecionar e compartilhou com sua irmã Ema Gordon Klabin (1907-1994) essa prática por toda a vida. Ainda adolescente, adquiriu as primeiras peças de sua coleção: duas pinturas de paisagens em miniatura, *Aurora* e *Crepúsculo*, do pintor e gravador holandês Jan Gottlieb Glauber (1656–1703). Com o passar dos anos, a coleção foi sendo sistematicamente expandida, com novas aquisições de peças providas desde o Egito Antigo até o Impressionismo.

Em 6 de abril de 1933, em São Paulo, Eva se casou com o austríaco naturalizado brasileiro Paulo Rapaport (1897–1957),²⁰ advogado formado em Viena, tendo como padrinho o jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968), fundador do Masp, considerado o primeiro museu moderno brasileiro. Paulo era filho do advogado Ignaz Rappaport²¹ (?-1932), conselheiro da Corte Imperial, e de Gisela Rappaport, nascida Kann (?-1925). Ele chegou ao Rio de Janeiro em 1926, revalidou seu diploma em 1929 e, em 1931, naturalizou-se brasileiro. Atuou como advogado da Sociedade Brasileira de Imigração,²² na Confederação Israelita,²³ além de ter sido diretor técnico do Sindicato Condor S/A,²⁴ diretor dos Diários Associados e sócio em algumas empresas e negócios. Este último vínculo impunha ao casal uma agenda relacionada ao setor de comunicação. Eva o acompanhava, como registrado em uma das visitas prévias à inauguração da Rádio Tupi.²⁵ Contudo, Paulo se desligou do grupo para se dedicar à sua importante banca de advocacia, mas os vínculos com Chateaubriand se mantiveram. Rapaport faleceu em 13 de fevereiro de 1957, em Heidelberg, na Alemanha,²⁶ onde se encontrava em tratamento de saúde.

O próprio Assis Chateaubriand escreveu sobre o convite recebido para ser padrinho de casamento de Eva Klabin com Paulo Rapaport. Disse que “Ao receber o convite fiquei atônito. Fui ao Copacabana decidido ao não ver os Klabin envolvidos em perseguições”.²⁷ No ano anterior, 1932, Chateaubriand apoiou a Revolução Constitucionalista de São Paulo e enfrentou ordem de deportação e confisco de bens, dentre

¹⁹ Nasceu em 08/2/1903, às 6h, na rua Amaral Gurgel, São Paulo, SP. Cf.: **Livro de registros de nascimento**, liv. 33, fls. 31v, termo 235. 7º Cartório de Registro Civil, Consolação, São Paulo.

²⁰ Nasceu em 24 de junho de 1897, elisabethstrasse 14, Baden bei Wien, Áustria. Cf.: **Livro de registros de matrículas**, n. B17, fls. 49, Baden bei Wien, Áustria.

²¹ Filho do negociante austríaco Koppel Rappaport (1829-1899) e de Bassie Wolkenberg.

²² A IMIGRAÇÃO israelita no Brasil. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 11.235, 1 ago. 1931, p. 2.

²³ CONFEDERAÇÃO Israelita do Brasil. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 108, n. 141, 17 mar. 1935, p. 17.

²⁴ Subsidiária da Deutsche Luf Hansa no Brasil, uma das companhias pioneiras da aviação no mundo. Mais tarde, tornou-se a Cruzeiro do Sul, depois incorporada à Varig.

²⁵ COBRIRÁ todo o território Nacional. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 2.342, 20 maio 1935, p.1.

²⁶ SEPULTADO ontem o sr. Paulo Rapaport. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 11.194, 8 mar. 1957, p. 5.

²⁷ CHATEAUBRIAND, Assis. Humano, muito humano. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 13.425, 02 jul. 1965, p. 3.

os quais o parque industrial de O Jornal, na época o líder do grupo Diários Associados. Mesmo diante dessa situação adversa, aceitou o convite de apadrinhamento. Inicialmente, seria padrinho por parte do noivo, mas Hessel Klabin decidiu que Chateaubriand o seria por parte de sua filha. Hessel Klabin o teria convencido ao dizer que “o senhor se escusa do parentesco espiritual que a minha família e eu queremos estabelecer com o defensor da causa Israelita no Brasil. Diz que é um perseguido político. Mas, porventura nós, judeus, seremos outra coisa?”.²⁸ Esse fato foi citado por Assis Chateaubriand em seu discurso durante um almoço em sua homenagem na casa de Ema Klabin, em São Paulo, no dia 19 de janeiro de 1967, no qual parte dos convidados era do Conselho do MASP.²⁹

No artigo “humano, muito humano”, motivado pela morte de Horário Lafer (1900-1965), Chateaubriand destaca como contou com a família Klabin para a formação das coleções de arte brasileira, seja no MASP, seja, como no caso a que se refere o artigo, na Galeria Brasileira.³⁰

As casas e as coleções

Quanto às casas de ambas as colecionadoras no Rio de Janeiro, esses lugares representam mais do que cenários de recepções cuja repercussão se dá nos âmbitos social, político e cultural. Interessa reconhecer as duas casas como locais de formação e guarda de suas coleções, além de constituírem-se em local de acesso proporcionado aos seus convidados — o que, inclusive, resultou em relatos de maravilhamento desses privilegiados convidados. Segundo Marize Malta:

A casa consagrou no século XIX, como espaço da aparência (aparência burguesa), assumindo a identidade de lugar, de uso e de imagem, e mesclando características dos espaços públicos e privados conforme a localização de visitantes e familiares na sua organização espacial. Os objetos também desempenharam esse papel, por vezes assumindo um papel público, significando status, estilo ou gosto, importantes emblemas no processo civilizador. As casas deveriam parecer locais de viver e locais de diversão para os olhos.³¹

²⁸ CHATEAUBRIAND, Assis. Um negócio de tarados e um papelão nos sai a fábrica de papelão dos Klabin. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXXIX, n. 20, 11 fev. 1967, p. 62-63.

²⁹ Entre os convidados: Lina e Pietro Maria Bardi, Conde e Condessa de Latour, Raquel Arnaud Segall e Oscar Segall, Esther Landau e Alfredo Landau, Betty e A. Jacob Lafer, Edmundo Monteiro, Roberto de Abreu Sodré, Mimi Lafer, Yolanda Penteado, Penha Muller Carioba, Jacob Klabin Lafer, Miguel Lafer, Daniel Klabin, Oscar Martinez e Lima Duarte.

³⁰ O mais importante e valioso acervo de obras de arte e documentos luso-brasileiros da Universidade Federal de Minas Gerais, doado em 1966 por Assis Chateaubriand.

³¹ MALTA, Marize. **O olhar decorativo**: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2011, p. 17.

As duas casas, cada qual em seu tempo, eram realmente locais de viver. A localização, a arquitetura e o decorativismo eram valorizados; contudo, as coleções nelas existentes eram destacadas. Eram coleções em espaços privados, mas de importância para serem incorporadas aos mais eminentes museus no Brasil e na Europa.

Os futuros Viscondes de Cavalcanti residiram em um palacete da rua Senador Vergueiro, no Flamengo, que serviu de base ao projeto de museu particular, como relatou o irmão dela, o médico Constantino Machado Coelho Filho (1851-1882).³² Em correspondências para sua irmã, ele se refere ao museu. E, por duas vezes, em carta de 25 de agosto de 1876, de Nova York, após visitar a Exposição Universal da Filadelfia, escreve: “Mando-te a minha fotografia em grupo com os dois companheiros de viagem: é digna do teu museu”. Em outro trecho, comenta: “diz o Coutinho que tem arranjado bastantes curiosidades para o teu museu”. Em sequência, informa que:

O hino composto por Carlos Gomes, à pedido do Imperador, para o centenário foi procurado por mim, para te enviar; não foi ainda impresso aqui; há apenas alguns poucos exemplares que S. M. deu a cada membro da Comissão – 4 a cada um. Falei n’isto ao Coutinho e ele disse-me que já tinha reservado um para você e pediu-me para te mandar. Fui antecipado – paciência!³³

Em outra correspondência, de 23 de março de 1882, quando estava em Berlin, escreveu: “Quando andar pelo extremo Oriente, não esquecerei as encomendas que me fazes. Espero contribuir com bastante elementos para o engrandecimento do seu museu”.³⁴

O dito museu particular existiu no palacete onde o casal recebia convidados semanalmente, às quintas-feiras e aos domingos, sobretudo no período em que ele exercia o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros. Entre os convidados, destacavam-se o corpo diplomático e os políticos que dividiam os espaços com os intelectuais da corte, dentre os quais músicos, poetas e escritores, como Machado de Assis. Em algumas dessas recepções, esteve presente o Imperador Pedro II.

Eva Klabin recebia em sua casa junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, em memoráveis eventos, destacando-se a presença de personalidades, dentre as quais o ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, em 25 de junho de 1972, que registrou que “A coleção de arte q. D. Eva organizou é um patrimônio que honra a Cultura do Brasil”.³⁵ A lista se estende por autoridades estrangeiras, como Henry

³² Moço Fidalgo da Casa Imperial por decreto de 20 de julho de 1878.

³³ COELHO, Constantino Machado. [Correspondência]. Destinatário: Amélia Machado Coelho. Nova Iorque, EUA, 25 ago. 1876. 1 carta. Coleção Viscondes de Cavalcanti, Arquivo Histórico, Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

³⁴ *Idem*. [Correspondência]. Destinatário: Amélia Machado Coelho. Berlin, Alemanha, 23 mar. 1882. 1 carta. Coleção Viscondes de Cavalcanti, Arquivo Histórico, Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

³⁵ LIVRO de visitantes. Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro.

Kissinger, secretário de estado dos Estados Unidos, e Shimon Peres, primeiro-ministro de Israel, posteriormente eleito presidente. Outros convidados importantes foram o empresário Harry Oppenheimer, o banqueiro David Rockefeller e o escritor Elie Wiesel, um sobrevivente ao Holocausto e que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1986.

O colunista Zózimo Barroso do Amaral (1941-1997), ao escrever sobre um evento na residência, impressionou-se e disse ser difícil acreditar que estivesse no Rio de Janeiro, pois “A atmosfera quase solene transmitida pelas obras de arte de raro valor – Botticellis, Tintoretos, Donatellos, uma escultura de Fídias, peça de arte egípcia etc. – que pendem de suas paredes transportam os convidados para as casas senhoriais dos grandes colecionadores europeus”.³⁶ O colecionador Gilberto Chateaubriand (1925-2022) fez parte do conselho de curadores da Fundação e considerava que o acervo formado estava “entre as três maiores coleções de arte mundial do país”.³⁷ Jones Bergamin, por sua vez, disse que: “É uma coleção comprada com muito olho. Se algumas peças fossem colocadas à venda, só seriam compradas por museus americanos, japoneses ou europeus. Seriam também obras de destaque em leilões da Sotheby’s ou da Christie’s. Em termo de importância, não é possível comparar essa coleção a outra qualquer brasileira”.³⁸

Os artistas frequentavam essa casa. Frans Krajcberg (1921-2017) realizou sessão de exibição dos “slides que fez em suas viagens a Minas Gerais e Amazônia”.³⁹ Uma notícia registra também as presenças de outros artistas, como Carlos Scliar, Paulo Roberto Leal e Emanuel Araújo, bem como a do crítico de arte Roberto Pontual e de outros convidados.⁴⁰

Ambas tiveram outras propriedades, como, coincidentemente, em Teresópolis: a Viscondessa de Cavalcanti foi proprietária da fazenda L’Ermitage, eternizada no desenho com dedicatória de seu amigo Facchinetti, enquanto Eva foi dona do sítio Gisela, registrado em seus álbuns de fotografias. Na música, ambas tinham admiração por Beethoven. A Viscondessa tocava piano a quatro mãos com o compositor e pianista Arthur Napoleão (1843-1925), um dos muitos artistas que por ela tinha devotado fascínio, a ponto de lhe dedicar uma de suas obras: Balada Romântica (Op. 63). Eva era igualmente apaixonada pela música, tanto que implantou uma sala de concertos em sua casa na década de 1960, onde se apresentaram musicistas de renome nacional e internacional.

Quanto à formação das duas coleções, há lacunas, mas não de ausência de ação sistematizada, de pesquisa e de organização, direta ou por meio de assessoria ou de serviços prestados por profissionais

³⁶ OS SLIDES de Krajcberg. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 mar. 1973, Caderno B, Coluna Zózimo, p. 3.

³⁷ Barros, André Luiz. Tesouro silencioso nos salões. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 346, 24 ago. 1994, Caderno B, p. 1.

³⁸ *Ibid.*

³⁹ CAVALCANTI, José Armando. Coluna Koizas. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XLIX, n. 14.521, 27 mar. 1973, p. 4.

⁴⁰ OS SLIDES, *op. cit.*

especializados. Eva contratou renomados especialistas para diversas ações. Dentre eles, Karl Katz⁴¹ (1929-2017), historiador de arte e diretor de projetos especiais do Metropolitan Museum, de Nova Iorque, que visitou a casa de Eva e da irmã desta, Ema, resultando na apresentação de uma proposta de catalogação e pesquisa das duas coleções, o que acabou reforçando a destinação de ambas as casas em futuros museus. Segundo Costa,⁴² “nessa proposta, afirma que os museus brasileiros não possuíam infraestrutura e treinamento adequado para abrigar as coleções, recomendando que permanecessem intactas em seus ambientes originais”. Em 1978, o incêndio do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro reforçou a opinião do especialista e, nos anos seguintes, foram realizados serviços de catalogação de antiguidades egípcias e avaliação de acervos por representantes da Christie’s e da Sotheby’s.

A Viscondessa recorria ao círculo de intelectuais das relações sociais que mantinha e aos próprios estudos, resultando, segundo o escritor Machado de Assis, que lhe dedicou versos e que frequentava a casa de Amélia, em “horas furtadas da vida social”.⁴³ A informação corrobora que a colecionadora se dedicava às pesquisas e que tinha o hábito de anotar em cadernos de leituras (Figura 7), registrando citações e referências, inclusive para suas obras publicadas e para aquelas que deixou como inéditas.

Os artefatos que constituem as duas coleções de arte egípcia foram adquiridos em épocas e de formas distintas. No caso da Viscondessa de Cavalcanti, há documentação da procedência resultante de uma temporada na Europa, tendo entre objetivos o tratamento de saúde da filha Stella. Um recibo (Figura 8) refere-se a um lote de 35 itens,⁴⁴ datado de 25 de julho de 1884, comprado do antiquário David Kugelman, em Kissingen, na Alemanha. Alguns itens fizeram parte da coleção do bibliófilo, historiador e numismata italiano Carlo Morbio (1811-1881), que vivia em Milão. Parte dos artefatos está numerada e descrita tal qual no catálogo do leilão, realizado em 1883, do acervo de seu colecionador. Outros seriam provenientes da “Collection Minutoli: à Liegnitz”, de Alexander von Minutoli (1806-1887), conforme anotação manuscrita sobre o impresso com listagem de artefatos.⁴⁵ E é provável que procedesse da coleção de seu pai, Heinrich Menu von Minutoli (1772-1846), que havia adquirido artefatos na expedição científica prussiana ao Egito (1820-1821). Na Europa, também é apontada essa vinculação da coleção do pai e a de outro filho, o barão Julius von Minutoli (1804-1860), que doou papiros para a Real Academia de

⁴¹ Historiador da arte, curador e diretor de museus; dentre eles, o Bezalel National Museum, mais tarde Museu de Israel, além de ocupar importantes posições no Museu Judaico e no Metropolitan Museum.

⁴² COSTA, Paulo de Freitas. **Sinfonia de objetos**: a coleção de Ema Gordon Klabin. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 141.

⁴³ MAGALHAES Júnior, Raimundo de. **Vida e Obra de Machado de Assis**: Apogeu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 181.

⁴⁴ Coleção Viscondes de Cavalcanti, Arquivo Histórico, Museu Mariano Procópio.

⁴⁵ Coleção Viscondes de Cavalcanti, Arquivo Histórico, Museu Mariano Procópio.

História da Espanha, em Madrid.⁴⁶ O historiador André Onofre considera essa hipótese no caso da aquisição da Viscondessa e discorre sobre von Minutoli como “responsável por coordenar e auxiliar a criação da seção de antiguidades egípcias do Museu Real”.⁴⁷

Quanto aos artefatos da coleção de Eva Klabin Rapaport, estes foram adquiridos pacientemente e de diversas procedências, conforme as oportunidades do mercado. Seu primo Israel Klabin revela que as aquisições “foram feitas, em sua grande maioria, entre o final dos anos 1950 até o início da década de 1980”.⁴⁸ Segundo a museóloga Heloisa Fernandes Carvalho, entre 1960 e 1970, “Eva incorporou às já existentes um considerável acervo arqueológico de peças egípcias e greco-romanas, e adquiriu um grande número de objetos orientais, atraída, sobretudo, pela cultura e civilização chinesas”.⁴⁹

Foi nesse período que ela recebeu orientações do colecionador austríaco Willibald Duschnitz (1884-1976), de quem adquiriu muitas obras de arte; dentre elas, artefatos do Egito Antigo, como o ataúde de um gato, a estela de Djehutymes, a máscara mortuária de um homem e um fragmento de parede de uma tumba. Trata-se de uma coleção referencial na Europa, formada a partir da que ele herdou de seu pai, Adolf Duschnitz (1852-1909). Parte dessa coleção foi mantida na Europa, com alguns lotes havendo sido emprestados a vários museus.⁵⁰ Após o fim da Segunda Guerra⁵¹, começou a ser parcialmente recuperada; depois, tardiamente, a partir da Lei de Restituição de Arte⁵², de 1998, outros artefatos dessa coleção foram também sendo resgatados. Nascido em Viena, onde era industrial de sucesso, Willibald fugiu de sua cidade natal em 1938, devido à perseguição nazista. Dois anos depois, refugiou-se no Brasil. Faleceu em Teresópolis, em 3 de julho de 1976.

⁴⁶ MARTINEZ, María Jesús Albarran. GARCIA, Alba de Frutos Garcia. Papiros y coleccionismo de antigüedades en España a finales del siglo XIX. In: MARTÍNEZ, Lucía Brage; FENOLLÓS, Juan-Luis Montero (edis). **El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal: Viajeros, pioneros, coleccionistas, instituciones y recepción** (v. 13). Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2020, p. 297-308. Disponível em: <https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/179225/1/9788491683612%20%20%28Creative%20Commons%29.pdf>. Acesso em: 31 maio 2024.

⁴⁷ CHAVES, André Onofre Limírio. **Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019, p. 230.

⁴⁸ BRANCAGLION Jr., Antonio. **Tempo, matéria e permanência: O Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001, p. 10.

⁴⁹ CARVALHO, Heloisa Fernandes. Eva Klabin. In: DOCTORS, Marcio; COSTA, Paulo de Freitas (org.). **Universos sensíveis: as coleções de Eva e Ema Klabin**. Catálogo de exposição [Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, 17 mar. — 9 maio 2004; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1 jun. — 1 ago. 2004]. São Paulo, Rio de Janeiro: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Nacional de Belas Artes, 2004, p. 22.

⁵⁰ Dentre eles, Kunsthistorisches Museum, Österreichisches Museum für Kunst und Industrie, Staatliches Kunstgewerbemuseum e Kunsthandlung Auguste Kallai.

⁵¹ LEXIKON der österreichischen Provenienzforschung. Disponível em: <https://www.lexikon-provenienzforschung.org/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

⁵² O Governo da Áustria vem atuando desde 1998 por meio do projeto Pesquisa de proveniência e restituição nas coleções federais, relativa aos bens culturais confiscados de seus proprietários durante o nazismo com o fim de devolvê-los aos seus proprietários ou sucessores.

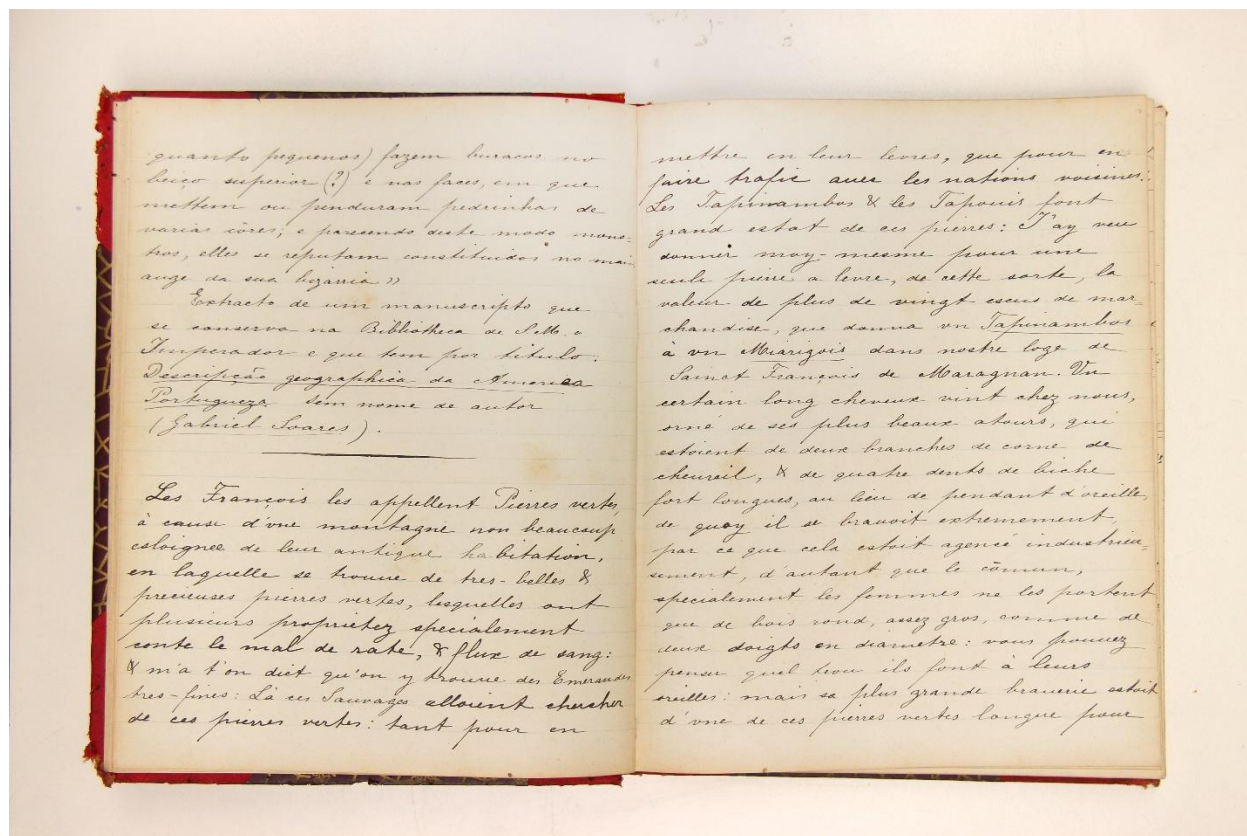


Figura 7:

Página do Caderno de leituras da Viscondessa de Cavalcanti, [s. d.],
Coleção Viscondes de Cavalcanti, Museu Mariano Procópio.

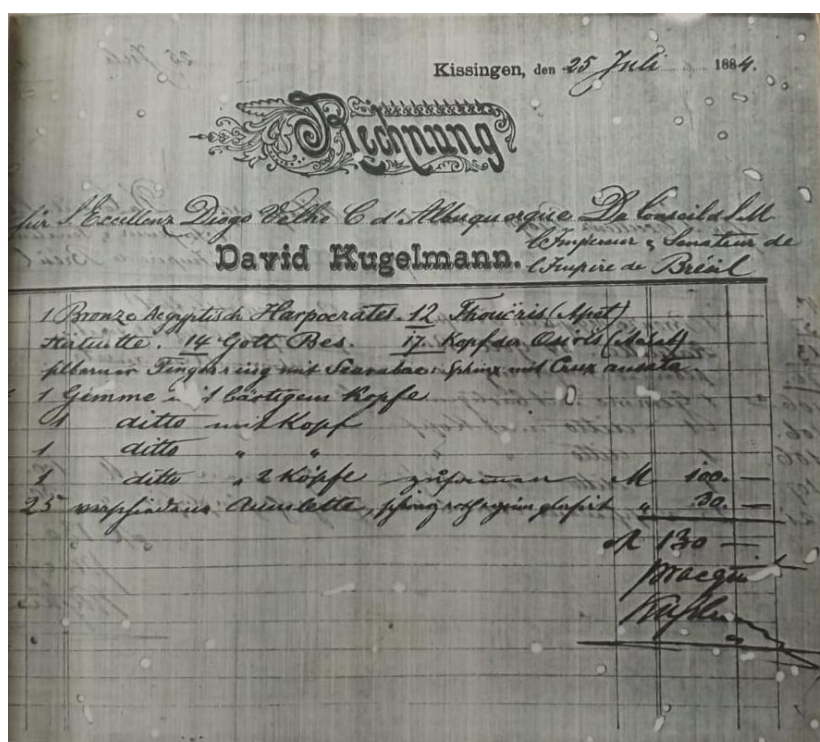


Figura 8:

Recibo de David Kugelmann, 1884.
Coleção Viscondes de Cavalcanti,
Museu Mariano Procópio.

Destino das coleções

Ambas as colecionadoras, sem herdeiros diretos, preocuparam-se com o destino de suas coleções. A Viscondessa optou por dispersá-la por diversas instituições na Europa, como os objetos etnográficos que estão no Museu Volkenkunde,⁵³ na Holanda. No Brasil, destacam-se as significativas doações ao Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora (MG), dentre as quais um conjunto de artefatos egípcios, parte deles apresentados nessa exposição. Outras obras foram doadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,⁵⁴ ao Museu Histórico Nacional⁵⁵ e ao Museu Nacional de Belas Artes.⁵⁶

Eva Klabin e sua irmã Ema Gordon Klabin contribuíram para a formação de outras coleções em museus, em parte realizada pelo conglomerado industrial da família. Destacam-se as contribuições do grupo Klabin ao MASP, que recebeu aporte financeiro para sua viabilização e que teve participação nas aquisições de obras de arte com outros mecenas, como: o *Retrato do Conde-Duque de Olivares*, de Diego Velásquez, de 1624; a *Banhista enxugando o rosto*, de Renoir, 1912; e *Retrato de jovem com corrente de Ouro*, de Rembrandt Van Rijn, circa de 1635. Eva realizou também doações pessoais, como uma composição de Arthur Luiz Piza, ao Museu de Arte Assis Chateaubriand, inaugurado em 1967, em Campina Grande.⁵⁷ Entre suas múltiplas atividades, inclui-se a participação como sócia do Brasil Kennel Club, do qual integrou o conselho.⁵⁸ Posteriormente, participou de curso de administração de obras sociais para mulheres,⁵⁹ mas seu interesse era colecionar. E viajar.

A certo momento, entendeu a necessidade de adotar processos e critérios qualificados em relação ao acervo e às perspectivas de sua preservação, resultando na criação da Fundação Mansão de Arte Eva Klabin.⁶⁰ Posteriormente, seu estatuto foi alterado, conforme revela pauta da assembleia. Então, a

⁵³ Informações iniciais obtidas com a museóloga Mariana Campos França pelo autor Douglas Fasolato, quando era diretor superintendente da Fundação Museu Mariano Procópio, entre 2009 e 2017.

⁵⁴ Em 1926, doou uma tela de Franz Post, *Ruínas da Sé de Olinda*, dois leques históricos, como o alusivo ao Reconhecimento da Independência do Brasil, além de outros itens, bem como os arquivos com seus verbetes do inédito Dicionário Biográfico Brasileiro.

⁵⁵ Em 1927, realizou a doação de uma série de itens de sua coleção, dentre os quais objetos de rituais maçônicos de D. Pedro I.

⁵⁶ Em 1926, doou pelo menos quatro obras, sendo uma pintura de Alexandre Cabanel, representando um árabe; um desenho de Alphonse de Neuville; um retrato de sua filha Stella Cavalcanti de Albuquerque, pintado por Raimundo Madrazzo; além de um dos dois retratos diferentes seus, pintados por Leon Bonnat — o outro se encontra em Portugal.

⁵⁷ CAMPINA Grande ganha hoje seu museu que abre porta ao sertão. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 141, n. 17, 20 out. 1967, p. 2.

⁵⁸ Eva Klabin tinha apreço pelos cães e teve, entre outros, o cão Basset, além de um outro, Kennelgarth Reef Knot, da raça scottish terrier, que chegou ao Brasil em 1958, importado pelo Kennelgarth, na Inglaterra, após premiação obtida em julho do mesmo ano, como informou a imprensa. A trio of KENNELGARTH bitches chegaram da Inglaterra. *Correio de Manhã*, Rio de Janeiro, ano LVIII, n. 20.095, 28 set. 1958, p. 9.

⁵⁹ G. de A. Curso de obras sociais. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 12.388, 23 set. 1961, 2º Caderno, p. 2.

⁶⁰ FUNDAÇÃO Mansão Eva Klabin Rapaport. Edital de Convocação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXIV, n. 245, 9 dez. 1974, p. 3.

instituição passou a ser denominada Fundação Eva Klabin Rapaport, com um conselho de curadores, estando atuante em 1976.⁶¹ Contudo, outra fundação foi constituída em 1990, adequada aos seus propósitos e que continua a cumprir seus objetivos e esse importante diálogo entre o museu e o público, como era o desejo da colecionadora.

Eva acompanhava o setor cultural. Isso a fez, assim como sua irmã Ema, conhecer as fragilidades e as dificuldades enfrentadas pelas instituições existentes, despertando preocupação com o futuro. Por isso, ela optou por manter a integridade das coleções em sua própria casa, constituindo uma fundação, garantindo uma maior perenidade e cumprindo a relevante missão de tornar público o conjunto desse acervo.

Conclusão

O fascínio pelo Egito Antigo não está circunscrito ao passado, tampouco as motivações que nortearam as colecionadoras no processo de formação dos acervos o estão. Pelo contrário, esse interesse continua presente nos mais diversos campos de atuação da sociedade. Na arte, materializa-se na produção contemporânea, motivando sensível e potente diálogo com 21 obras de nove artistas brasileiros distribuídos pelos espaços do circuito expositivo: André Ricardo, Anna Bella Geiger, Carolina Cordeiro, Daniel Senise, Élle de Bernardini, Lais Myrrha, Nathan Braga, Thaís Iroko e Ventura Profana.

A exposição proporcionou a oportunidade de reunir duas coleções referenciais com suas conexões, resultando em recorde de visitantes da instituição. Esse interesse que o tema desperta foi apontado pela proposta curatorial, associada à viabilização de programação educativa e cultural.

Relevante, sem dúvida, é o legado pautado na cadeia operatória museológica com as ações de preservação, pesquisa e difusão dos acervos musealizados. Por isso, investiu-se em melhores condições de preservação e exibição dos artefatos, bem como em consultoria especializada por arqueólogo⁶², para dar conta de pesquisa; revisão ou catalogação com datação; identificação de proprietários; e tradução dos hieróglifos. Todo o processo foi baseado na partilha do conhecimento, inclusive a direção de arte e o projeto expográfico⁶³, que, em seu processo, ofereceu um curso⁶⁴ para qualificação de 20 estudantes e profissionais.

⁶¹ FUNDAÇÃO Eva Klabin: aviso. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 149, n. 213, 16 jun. 1976, p. 8.

⁶² Moacir Elias Santos é arqueólogo, mestre e doutor em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense.

⁶³ Desenvolvido pela cenógrafa, diretora de arte e designer de exposições Susana Lacevitz, da Cenografia.net.

⁶⁴ Curso "Cenografia para exposições em uma casa museu", em parceria com o IATEC.

Essa iniciativa está associada à transformação do sentimento pelo desaparecimento de parte expressiva da mais importante coleção de arte egípcia da América Latina, que sucumbiu ao fogo que consumiu o Museu Nacional, em setembro de 2018. Assim, viabilizou-se essa ação na expectativa de ampliar e valorizar o estudo de outras coleções de arte egípcia, sob os mais diferentes aspectos, para estimular reflexões que contribuam para a compreensão das práticas colecionistas, da preservação à difusão.